



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## O discurso científico do amor patológico e a produção midiática de novos doentes<sup>1</sup>

Francine Tavares<sup>2</sup>

ECO - UFRJ

### Resumo

O presente artigo analisa o duplo movimento da produção de subjetividades de novos doentes-consumidores de produtos e serviços ligados ao que no Brasil se configura como amor patológico e no exterior love addiction. De um lado, a proposta de criação da droga antiamor defendida pelo Centro de Neuroética de Oxford e do outro a indústria midiática atuando paradoxalmente tanto na pedagogização da medida saudável do amor quanto na promoção de estereótipos emocionais de gênero. Partindo do questionamento “como alguém se descobre doente de amor?”, são considerados neste trabalho os artigos científicos de 2012 a 2017 publicados pelos pesquisadores de Oxford, a dissertação e a tese da psiquiatra brasileira Eglacy Sophia autora do conceito de amor patológico no Brasil e matérias e notícias publicadas em veículos de grande circulação no Brasil sobre a temática.

**Palavras-chave:** amor patológico; doente de amor; indústria farmacêutica; biotecnologia, droga antiamor.

“O amor pode ser uma doença?”<sup>3</sup>, questiona a jornalista Gláucia Chaves em matéria publicada no site do Correio Braziliense em julho de 2017. O título é complementado com a frase no imperativo: “Faça o teste e descubra se você ama demais”.

O texto segue a linha de tantas outras matérias publicadas em veículos e blogs brasileiros facilmente encontráveis nas buscas do Google. Uma introdução retomando algum filósofo ou poeta, exemplos de pessoas que sofrem do mal, diagnóstico orientado por especialistas (geralmente psicólogos e psiquiatras) e construção do perfil do possível doente. Esta, em especial, traz também um teste que se propõe a responder “Sou uma Mulher que Ama Demais?”. Dezoito perguntas e pelo menos três “sims” depois, um resultado: mulher que ama demais.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Consumo, Comunicação e Subjetividade, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UERJ. É integrante do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES), bolsista Capes e tem como interesse de pesquisa a relação entre amor, mídia e patologias contemporâneas. E-mail: tavaresfrancine@gmail.com.

<sup>3</sup> Disponível neste link:

[http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/07/16/interna\\_revista\\_correio,609825/o-amor-pode-ser-uma-doenca-faca-o-teste-e-descubra-se-voce-ama-demais.shtml](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/07/16/interna_revista_correio,609825/o-amor-pode-ser-uma-doenca-faca-o-teste-e-descubra-se-voce-ama-demais.shtml). Acessado em 25 de janeiro de 2018.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A relação entre amor e vício é vista como problemática desde a Grécia Antiga. Já em “O Banquete”, primeiro texto filosófico dedicado ao amor, estava presente a preocupação dos gregos com seus excessos e as maneiras mais adequadas de se relacionar amorosamente. Lá também aparece o primeiro discurso médico sobre o amor. A lógica médica de Erixímaco mostra-se consonante à moral grega da justa medida cuja noção de bom está ligada ao meio-termo, equilíbrio das ações e das paixões. Nesse sentido, o bom amor era aquele proveniente da temperança, entendida como “a tendência que se inspira na razão, conduzindo-nos ao que é melhor” (Platão, 1996, p. 142).

Nos últimos anos, começou a crescer o debate científico sobre o que tem se configurado no Brasil como amor patológico e no exterior como love addiction (vício de amor, em tradução livre). O ponto alto desse debate foi impulsionado pelo artigo “If I Could Just Stop Loving You: Anti-Love Biotechnology and the Ethics of a Chemical Breakup” (Earp et. al, 2013), dos pesquisadores do Centro de Neuroética de Oxford, que protagonizam as matérias e reportagens jornalísticas sobre o assunto. Nessa publicação, Earp et. al (2013) apresentam de modo mais objetivo do que em artigo anterior (EARP et al, 2012) a proposta de tratar o vício de amor por meio de um fármaco, chamado por eles de droga antiamor. Como reação a essa proposta, diversos pesquisadores, sobretudo do campo da bioética, se manifestaram em torno de questões como a medicalização das emoções, a quebra da aura espontânea do amor e o perigo de tratar como doentias relações não aceitas socialmente. Por outro lado, pesquisadores da psiquiatria, da antropologia biológica e psicólogos, inclusive brasileiros, se posicionaram de modo positivo, primeiro, em relação à abordagem científica do amor e, segundo, em relação à possibilidade de uso de drogas com a finalidade de promover bem-estar em quem ama.

Ao aprofundar a compreensão do debate com leituras de reportagens e dos artigos publicados no decorrer dos últimos anos, algumas reflexões vêm à tona. Ao que parece, o que está em jogo na discussão do amor patológico e do love addiction não é o amor e nem o vício em si, mas, sim, o sofrimento que o vício amoroso causa. Ainda que o amor seja encarado como meio para algo maior no discurso da neuroética (bem-estar) assim como na concepção platônica (bom, justo, belo, verdadeiro), tanto o fim quanto as técnicas e as tecnologias que regulam o comportamento do amante são distintos e alimentados por outros valores.

Dito isso, afirma-se que a proposta deste artigo é explicitar como a relação entre amor e bem-estar está articulada no discurso da neuroética e como essa relação é essencial para a configuração de um potencial mercado consumidor de produtos e serviços de tratamento e cura para o amor patológico



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

e suas variações. A hipótese do estudo é de que, além da produção de uma abordagem científica do amor, foi necessária também a produção de um sujeito-amante característico desta sociedade como condições de possibilidade para a proposta de elaboração de uma droga antiamor. As linhas a seguir procuram responder ao questionamento “como se constitui o potencial consumidor de uma droga antiamor?”.

### **Amar é...bem-estar**

Se bem-estar é o que caracteriza a experiência genuína de amor para os pesquisadores do Centro de Neuroética de Oxford, cabe entender que bem-estar é esse do qual eles falam.

No último artigo publicado pelo grupo em 2017 há uma discussão acerca da perspectiva que está sendo considerada por eles para justificar as pesquisas e o tratamento do love addiction que não causa bem-estar. Earp et. al (2017a) apresentam três abordagens sobre bem-estar. A primeira delas advém do que eles chamam de teorias hedonistas, que são definidas em termos de estados mentais. Nessa perspectiva, felicidade e prazer são compreendidos como estados mentais intrinsecamente bons, enquanto tristeza e dor são intrinsecamente ruins. Visões hedonistas mais complexas incluem estados mentais distintos, que abarcam aspectos que podem contribuir ou não para o bem-estar. Entretanto, de acordo com essas teorias, na opinião dos autores, é possível que pessoas vivam relações que prejudiquem diversas esferas da vida e, ainda assim, prefiram manter-se nelas por acreditarem em valores hedonistas. A ideia de “morrer por amor” e a centralidade das relações amorosas na vida das pessoas estariam relacionadas a essa perspectiva.

A segunda abordagem apresentada por Earp et al sobre bem-estar vem das “teorias de satisfação dos desejos”. De acordo com esse conjunto de teorias, não referenciadas no artigo, “bem-estar consiste em ter desejos satisfeitos” (2017a, p. 87). Essa abordagem tem como foco principal valores individuais e a pluralidade de valores que diferem um indivíduo do outro, fazendo com que nenhuma decisão geral sobre desejos e/ou bem-estar possa ser aplicada a todos da mesma maneira. Segundo os autores, essa perspectiva é vista mais comumente na filosofia e nas ciências sociais.

Ao questionar se o love addiction poderia promover bem-estar numa abordagem mais sociológica e/ou filosófica, os pesquisadores afirmam que não, pois há danos reais acontecendo e, ainda



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que a relação promova consequências negativas e “afete a mente” de quem está em uma relação de amor viciante, o tratamento não seria colocado como uma opção nessa perspectiva.

Sendo assim, os autores apresentam uma terceira possibilidade de bem-estar. A terceira opção se inscreve dentro do que os autores chamam de teorias das listas objetivas do bem-estar, que podem ser chamadas também de “bom substantivo” ou “teorias perfeccionistas”. Nessa perspectiva, categorias específicas de coisas podem ser boas ou ruins para uma pessoa, o que pode contribuir ou não para o seu bem-estar, ainda que essas coisas não sejam desejadas e ainda que essas coisas não causem prazer.

Essa abordagem ganha mais espaço do que as outras no artigo e é a única que traz referências, incluindo um trabalho publicado por dois dos autores da pesquisa, o que já deixa clara a preferência deles. Ainda de acordo com essa perspectiva, há exemplos objetivos de coisas propostas como intrinsecamente boas: obter conhecimento, estar em relações pessoais profundas (incluindo estar apaixonado), engajar-se em atividades racionais e desenvolver novas habilidades são algumas delas. Mas há também, objetivamente, coisas intrinsecamente ruins: ser traído, ser enganado e obter prazer de crueldade. Fica difícil enquadrar love addiction como bem-estar nesta categoria, afirmam os autores. De acordo com essa abordagem, o vício de amor estaria mais relacionado às coisas intrinsecamente ruins e o amor “saudável” ou “normal” estaria dentro do que se compreende como coisas intrinsecamente boas. Nesse caso, o tratamento seria destinado a todos aqueles diagnosticados com love addiction. Essa é, aliás, a abordagem mais próxima do que se pode encontrar na proposta de diagnóstico e tratamento para amor patológico no Brasil.

Os pesquisadores de Oxford, entretanto, não escolhem apenas uma das três abordagens. Eles afirmam que as três apresentam aspectos importante e problemáticos para se alcançar aquilo que os filósofos chamam de “boa vida”. Por isso, a melhor opção será uma abordagem que reúna as três perspectivas apresentadas. Nessa visão composta, “bem-estar é constituído pelo engajamento em atividades que objetivamente valem a pena, aquelas que desejamos e aquelas que provém prazer e outros estados mentais valorizados” (Savulescu, 2007 apud Earp et al, 2017a, p. 87, tradução nossa).

De acordo com a visão privilegiada pelos autores, o amor que implica dor e sofrimento, que frustra outros desejos importantes ou faz o amante parar de investir em atividades que objetivamente valem a pena pode comprometer seu bem-estar e a ideia de “vida melhor”. “A vida melhor não é a vida que é consumida por formas destrutivas e desajustadas de amor, mas é, preferencialmente, uma vida



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

na qual o amor encontra harmonia com outros recursos do bem” (Earp et al; 2017a, p. 88, tradução nossa).

Se o amor não promove bem-estar em quem ama, a pessoa pode se tornar um potencial paciente no tratamento que, além do tradicional acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, pode incluir num futuro próximo uma droga antiamor. Nesse caso, assim como nos tratamentos de viciados em drogas, a autonomia dos pacientes deve ser respeitada. Essa é, segundo os defensores da droga antiamor, uma premissa do tratamento. Bem-estar e autonomia se fortalecem, então, como as duas categorias mais importantes na controversa discussão sobre love addiction.

### **Bem-estar e autonomia: outra problematização possível**

Ao mapear o movimento discursivo percorrido pelos pesquisadores do grupo de neuroética de Oxford desde 2013, é possível perceber que, embora os argumentos tenham passado por alterações no decorrer do tempo, o objetivo continuou o mesmo: validar o uso de drogas em pesquisas científicas para tratamento de vício de amor. Houve mudanças em relação à justificativa de uso de drogas para tratamento. Se antes a droga era indicada para curar um amor que poderia se apresentar como doença, atualmente o objetivo é tratar um amor que não promove bem-estar. Os cientistas foram questionados em diversas ocasiões sobre a abordagem mecanicista e reducionista com a qual abordavam o amor e se aquilo que estavam querendo tratar era, de fato, amor e não outro problema. Quanto a essa discussão sobre ser amor ou não, há opiniões contraditórias nos próprios artigos publicados pelo grupo. Em primeiro lugar, Earp et al (2013) delimitam o lugar da ciência nessa discussão. Por estarem falando do amor em sua materialidade bioquímica e por ser possível mapear irregularidades nessa produção, é possível falar em cura de algo que se descontrola, afirmam. Quando convém, entretanto, Earp et al recorrem à literatura do amor no Ocidente para justificar a finalidade do amor como bem-estar. É em Platão que eles vão buscar uma referência para dizer que o amor é um meio para se chegar a algo maior (2017a), o bem.

Por outro lado, quando questionados se a droga antiamor deveria carregar de fato esse nome (Earp et al, 2016b) levando em consideração a incompatibilidade do amor com aquilo que faz sofrer, Earp et al recorrem novamente à filosofia, agora de Ovídio, à cultura popular, com a banda U2, e a autores como Eva Illouz (2012) que abordam a intrínseca relação entre amor e sofrimento e/ou amor e



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

doença. Eles fazem isso para justificar o fato de que amor, historicamente, carrega esses aspectos problemáticos e que, portanto, não haveria problema em nomear de antiamor uma droga que busca promover bem-estar, já que relacionar amor a sofrimento não foi algo inventado por eles. Nesse mesmo movimento de tirar o peso da doença e da cura do amor, abordagem muito criticada por cientistas e pesquisadores da bioética, que o aspecto viciante do amor deixou de ser o motivo pelo qual alguém deveria se tratar. Por fazer parte da natureza do amor, como apontado anteriormente, não é por que é viciante que o amor deve ser tratado (e nem por que o vício deixa de corresponder a uma certa medida de normalidade, como é considerado mais claramente no tratamento para amor patológico no Brasil), mas sim por que não corresponde às expectativas de promover bem-estar. E um dos componentes a flexibilizar a demanda por medicamentos, relacionado à mudança no conceito de saúde, segundo Vaz (2015), é a normatividade do bem-estar em substituição à centralidade do desvio. Isto é, doente e, portanto, consumidor de tratamentos e medicamentos na Modernidade era quem se desviava de certo padrão de normalidade, atualmente é quem não responde aos ideais de bem-estar.

Com isso, por mais que os cientistas tenham avançado em seus argumentos considerando os comentários de outros pesquisadores, eles retornam cada vez mais aos seus objetivos iniciais. Em artigo menos conhecido publicado em 2012, antes daquele que iniciou debates acalorados sobre o tema, eles discutem alternativas de neuroaperfeiçoamento de relações humanas, incluindo de casamento e divórcio.

O argumento principal é que a fragilidade dos casamentos contemporâneos e as altas taxas de divórcio podem ser explicadas pela relação entre três pontos: os valores ligados aos relacionamentos afetivos, a natureza psicobiológica e o ambiente moderno em sua dimensão social, física e tecnológica. Diante dessa realidade, eles questionam o que deveria ser mudado para diminuir o fracasso das relações atuais que levam ao divórcio e atrapalham a criação dos filhos: nossos valores, nosso ambiente ou nossa natureza? É possível mudar todas elas, afirmam Earp et al (2012), mas eles priorizam a mudança da natureza a partir da regulação bioquímica do amor com intervenção farmacológica. Dessa forma, a droga antiamor se firma como um artifício útil que transforma uma experiência amorosa em uma experiência de bem-estar e aquilo que poderia ser pensado como remédio para cura de um mal se transforma em Human Enhancement Technologies (HET).

“(…) indivíduos devem ter liberdade para alterar seus próprios estados mentais – através de drogas ou outros meios – no sentido de alcançar seus próprios objetivos ou realizar suas concepções de boa vida, sem



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

prejudicar ou infringir o direito de outros” (Earp et.al, 2012, tradução nossa).

Observa-se, nesse discurso, aquilo que Francisco Ortega chama de práticas neuroascéticas. Isto é, um movimento de “reprodução da lógica do sujeito cerebral e da autoajuda tradicional com roupagem cientificista” (2009, p. 635). Por isso, ainda que os cientistas de Oxford afirmem que partem de perspectivas amplas e conjugadas de teorias sobre o vício de amor e de bem-estar, é importante problematizar a relação entre bem-estar e autonomia colocada por eles.

Há uma concepção de bem-estar como valor subjetivo que está ligada à corrente de pensamento nascida no começo do milênio, nos EUA, denominada Psicologia Positiva, cujos investimentos científicos baseiam-se no estudo das emoções que, potencializadas, promovem a felicidade. Além de classificar previamente o que são emoções positivas, preconizando as que, por exclusão, são negativas, há pesquisas significativas que apontam as conexões entre “o projeto contemporâneo de bem-estar subjetivo e [os] valores e princípios fundamentais da governabilidade<sup>4</sup> neoliberal” (FREIRE FILHO, 2010, p.14).

A noção de autonomia contemporânea, cuja gênese se encontra no projeto moderno de progresso e liberdade que culminou com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial no século XVIII, parte da concepção de indivíduo dotado de capacidade racional para governar a si mesmo, que é e precisa ser capaz de gerenciar seus recursos materiais e subjetivos na busca de seus projetos pessoais. Uma das principais diferenças do projeto moderno para o projeto neoliberal de individualidade é a diminuição do Estado subsidiando as condições para a realização desse plano de autonomia. Nesse sentido, o indivíduo é tanto livre quanto responsável por seu sustento, sua educação, sua saúde, sua felicidade, seus fracassos, suas tristezas, seu sofrimento, seu bem-estar. A contraditória relação entre liberdade (de escolher) e dependência (de agir de modo que reflita determinados valores) dentro desse projeto trata-se daquilo que o sociólogo Alain Ehrenberg (2010) chama de autonomia assistida, cuja principal característica é o movimento constante de autorregulação. E como afirma Satafle, “a normalidade da ‘regulação emocional’ será aquela que melhor se adaptar aos critérios de

---

<sup>4</sup> A noção de governamentalidade de Foucault, como ressalta Rabinow e Rose no artigo “O conceito de biopoder hoje” (2006), é útil para pensarmos esses mecanismos regulatórios não apenas no âmbito do Estado ou das grandes instituições. Esse conceito trata de pensar as variações que problematizam e agem sobre a conduta individual e coletiva, sem ter origem ou finalidade estatal, e que não implicam necessariamente em algo prejudicial à vida.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

rendimento e adaptabilidade partilhados por uma rede implícita de assentimento social da qual o próprio médico faz parte (2015, p. 346).

Nesse sentido, o sociólogo inglês Nikolas Rose chama a atenção para a intrínseca relação entre o laboratório científico e a indústria farmacêutica. Recursos financeiros são necessários para a produção da potencial verdade na biomedicina, afirma Rose (2006), mas a alocação de tais recursos depende também do retorno que esses investimentos trarão. Não se trata, entretanto, de “fabricação e comercialização de falsidades, mas, sim, de produção e configuração de verdades” (idem, p.15, tradução nossa). Como observa Paulo Vaz no artigo “Do Normal ao Consumidor: conceito de doença e medicamento na contemporaneidade” (2015), medicamentos são produtos que precisam ser vendidos aos seus consumidores, os doentes. Mas, para isso, é necessário também produzir doentes. “Para cada nova substância fabricada, portanto, haverá o esforço de produzir doentes em potencial, que são, de fato, consumidores de tecnologia” (VAZ, 2015, p.58). É sobre esse potencial consumidor da droga antiamor que se trata o próximo tópico deste texto.

### **Como alguém se descobre doente de amor?**

Nos estudos sobre o sistema penal, Foucault (2003) observa como o foco da noção de poder enquanto interdição, repressão e negação, passa por alterações no mesmo período de desenvolvimento do capitalismo. Uma série de técnicas para vigiar e controlar o comportamento dos indivíduos que não tinham como função principal proibir, como nas práticas do poder soberano, vão ganhando força com os dispositivos disciplinares.

Ao mesmo tempo, a vida emerge como lugar de interesse do poder, que antes, com a soberania, tinha como foco o controle da morte. O biopoder, que atualmente incorpora o discurso de bem-estar, de juventude, de vida saudável atua na preservação da vida como força produtiva. Se o poder soberano agia para fazer morrer e deixar viver, o poder disciplinar sob forma do biopoder vai na contramão: faz viver e deixa morrer.

Atualmente, na sociedade de controle, como classifica Deleuze (1992) no post-scriptum em referência ao momento de transição da sociedade pós-disciplinar, ou pós-industrial, na segunda metade do século XX, não se trata de moldar os indivíduos como fazia o poder disciplinar e suas instituições enclausurantes como a escola, a prisão, o hospital etc., mas sim de modular. O controle se refere às





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

modulações vivas, móveis, intercambiáveis que caminham numa velocidade própria do capitalismo pós-industrial que não tem como foco de produção apenas produtos, mas sim serviços, gente, modos de vida.

Olhando para o fenômeno da droga antiamor à luz da crítica feita por Laval e Dardot (2016) à razão neoliberal, é possível encontrar diversos pontos que conectam aquilo condenado no comportamento dos amantes à ética empresarial que resulta da lógica neoliberal.

Estabelecendo uma corrente íntima entre o governo de si e das sociedades, a empresa define uma nova ética, isto é, certo ethos que deve ser encarnado com um trabalho de vigilância sobre si mesmo e que os procedimentos de avaliação se encarregam de reforçar e verificar (DARDOT, LAVAL; 2016, p. 332)

Na matéria “O amor pode ter cura”, publicada em 2014 na revista IstoÉ, além de cientistas estrangeiros como os pesquisadores de Oxford, duas psiquiatras brasileiras foram consultadas para a criação do quadro que poderia servir para diagnosticar alguém que precisa se cura de amor. Analice Gigliotti, chefe do Serviço de Dependência Química e Outros Transtornos do Impulso da Santa Casa do Rio de Janeiro, e Eglacy Sophia, psiquiatra e pesquisadora que publicou os primeiros estudos brasileiros sobre amor patológico e supervisora do setor de Amor e Ciúme Patológico do Hospital das Clínicas de São Paulo, afirmam que alguns dos indícios do amor como doença são: prestar cuidados e atenção ao parceiro de maneira repetitiva e sem controle, em detrimento de interesses próprios; pensamentos suicidas ou perseguição a ex-parceiros; incapacidade de recuperação de um rompimento; insegurança e baixa autoestima (PEREIRA, 2014). O cientista Brian Earp encontra outros lugares em que a droga antiamor seria útil: nos casos de pedofilia ou quando alguém, casado ou vivendo uma relação monogâmica, se apaixona por outra pessoa. Ele pontua, ainda, que já há casos de rabinos em Israel indicando o uso de antidepressivos para controle da libido dos jovens religiosos.

O amante normal-saudável-ideal desta sociedade é aquele que até sofre, mas não permanece no sofrimento, é aquele que passa pelo sofrimento vendo nele o que pode ser útil para sua redenção. É aquele que, sobretudo, reflete sobre o que sente e comunica isso ao seu parceiro e ou parceiros e ou terapeuta. É alguém que lê sobre relacionamentos, que estuda, se informa, porque é preciso aprender a amar bem, de modo saudável. O amor, assim como na Grécia Antiga, não tem um fim em si, serve a um objetivo maior, como tantos outros sentimentos e relações. Mas diferentemente da finalidade do



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

amor platônico, o amor contemporâneo não deseja sabedoria, não quer também ascender espiritualmente, seus desejos são materiais, práticos, úteis.

A ascese neoliberal tem como finalidade o constante aprimoramento de si com o objetivo de fortalecer o eu e adaptá-lo melhor à realidade, de tornar esse eu capaz de se relacionar da maneira mais eficaz com o outro. Não se trata nem da absolvição de si da moral grega e nem da medida do equilíbrio, da temperança. Trata-se, sim, de uma racionalidade que não é de ordem filosófica, mas sim de ordem econômica, ampliada para todas as esferas da vida. Como tornar-se melhor, como amar de maneira eficiente, como ultrapassar os problemas cotidianos, como melhorar a performance hormonal e bioquímica de modo que o amor se transforme em bem-estar e complete o projeto de empreendimento de si. O bem-estar tem funcionado como a norma da saúde médico-científica contemporânea. Mas estar de acordo com o padrão de normalidade, como afirma Canguilhem (2002), não é o mesmo que estar saudável. Ao invés de saudável, torna-se doente aquele que se deixa normatizar por estruturas normalizadoras que paralisam o movimento vital, caracterizado pela capacidade de ultrapassar a norma definida como normal em determinada cultura (SATAFLE, 2015).

No artigo intitulado “Adoecer de amor hoje: mídia, gênero e estereótipo emocional” (2017), analisei a matéria de capa da revista IstoÉ “O amor pode ter cura”<sup>5</sup> (2014), a dissertação de Eglacy Sophia (2008) sobre o conceito de amor patológico, os artigos publicados pelo Centro de Neuroética de Oxford sobre love addiction e a proposta da droga antiamor por uma perspectiva de gênero, questionando se o potencial consumidor da droga antiamor não seria a mulher.

O resultado do levantamento mostra que as produções científicas do Centro de Neuroética de Oxford não apresentam diferenciações de gênero explícitas. Entretanto, o caso mais indicado para uso da droga antiamor relatado pelos cientistas (EARP et. al; 2013) trata-se de situações de violência doméstica, que aflige sobretudo mulheres em situação de vulnerabilidade social, econômica, emocional ou apenas pela condição de serem mulheres. Além de questioná-los sobre as problemáticas que envolvem a medicalização não só das emoções, mas, especialmente, das emoções femininas, caberia ponderar os motivos da ausência de discussão sobre gênero em seus artigos. O abafamento de questões tão viscerais promove uma espécie de androginização científica que faz parte de um projeto político de medicalização das emoções femininas a partir do reforço, ainda que velado, dos estereótipos emocionais de gênero.

<sup>5</sup> Disponível neste link: [https://istoe.com.br/356120\\_O+AMOR+PODE+TER+CURA/](https://istoe.com.br/356120_O+AMOR+PODE+TER+CURA/). Acessado em 25 de janeiro de 2018.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Já a psiquiatra brasileira Eglacy Sophia realiza considerações em relação a questões de gênero em sua pesquisa. A mulher aparece logo na definição do que é amor patológico, inclusive no anúncio de recrutamento de voluntários para a pesquisa. Talvez como resultado do recrutamento enviesado ou por conta do interesse ensinado pela cultura terapêutica de que mulheres devam cuidar das suas emoções ou, ainda, por sofrerem mais desse mal do que os homens, a amostra da pesquisa de Sophia foi significativamente maior em número de mulheres (37 mulheres e 13 homens). Ainda assim, a psiquiatra não encontrou diferenças significativas em relação à personalidade e aos estilos afetivos de homens e mulheres. Para Sophia, alguns dos motivos que explicam o grande número de mulheres sofrendo de amor patológico são: criação na infância, com possibilidade de abandono emocional; demasiada importância dada a relações amorosas e maior capacidade de cuidar da saúde, elementos que levariam as mulheres a buscar mais ajuda do que os homens.

Sobre a maneira como a mídia brasileira tem mediado a relação entre ciência e sociedade quando se trata da temática de adoecer de amor, notei que a aparente necessidade de simplificação do discurso e a obrigatoriedade de representação do doente de amor parecem exigir uma identidade, uma forma, ou melhor, um estereótipo, isto é, uma forma sólida, na definição mais rudimentar da palavra. Quem entre o homem ou a mulher, numa lógica emocional binária, congregaria as características mais legítimas do que o senso comum entende de uma pessoa doente de amor? A mulher fragilizada cujas emoções exageradas precisam ser medicadas aparece nas personagens escolhidas para contar suas histórias, na flexão de gênero das palavras que se referem ao paciente e na própria imagem que ilustra a matéria de capa de uma das revistas de maior circulação no país. A linguagem, os exemplos e o formato sobretudo da matéria “O amor pode ter cura” configuram aquilo que João Freire Filho (2011) chama de jornalismo de autoajuda e funcionam como parte do que Francisco Ortega (2008) nomeia de “práticas de si cerebrais”. Essa ascende contemporânea, isto é, uma neuroascese, compõe tanto os clássicos de autoajuda da cultura terapêutica quanto as técnicas e as tecnologias que têm como objetivo melhorar a performance e o desempenho cerebral.

### **Considerações Finais**

O artigo buscou mostrar como o discurso científico sobre a cura do vício amoroso, sobretudo da neuroética, tem avançado no sentido de ampliar as biotecnologias que visam ao controle do sofrimento proveniente das relações amorosas. Tendo como finalidade o bem-estar, todo modo de amar



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

que escape da promoção desse fim estará fadado ao fracasso. Sendo, então, esta sociedade aquela que mais dificulta a manutenção das relações estáveis, a proposta dos cientistas do Centro de Neuroética de Oxford é a inclusão de uma droga antiamor no processo de tratamento e cura do sofrimento e, até, na melhora de performance dos relacionamentos.

Ao explicitar as controvérsias presentes na rede que se forma sob o enfoque do vício amoroso, da droga antiamor e do bem-estar como finalidade, buscou-se evidenciar quão estreitos estão esses elementos da lógica neoliberal de empreendimento de si, que produz indivíduos que buscam cada vez mais desenvolver suas habilidades sensíveis e cognitivas num movimento de alimentação do próprio sistema da racionalidade econômica contemporânea.

Com isso, objetivou-se tornar clara a relação de coprodução tanto do sujeito neoliberal na forma do amante contemporâneo e da sociedade da qual ele é causa e efeito quanto da doença que é criada pela mesma indústria fármaco-científica que se propõe a curá-la. Como resultado parcial de uma pesquisa em andamento<sup>6</sup>, é possível perceber a importância da indústria midiática no empreendimento de produção de subjetividade desse novo doente de amor que, ao que parece no discurso midiático, é do gênero feminino.

## Referências

- CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo - Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- DELEUZE, Giller. **PostScriptum: sobre as sociedades de controle**. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- EARP, Brian et al. **Natural selection, childrearing, and the ethics of marriage (and divorce): Building a case for the neuroenhancement of human relationships**. *Philosophy & Technology*, 25, 561–587, 2012.
- \_\_\_\_\_. **If I could just stop loving you: Anti-love biotechnology and the ethics of a chemical breakup**. *American Journal of Bioethics*, 13, 3–17, 2013.
- \_\_\_\_\_. **The medicalization of love**. *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, 24, 323–336, 2015.
- \_\_\_\_\_. **The medicalization of love: Response to critics**. *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, 25, 759–771, 2016a.
- \_\_\_\_\_. **Is there such a thing as a love drug? Reply to McGee**. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 23, 93–96, 2016b.
- \_\_\_\_\_. **Love drugs: Why scientists should study the effects of pharmaceuticals on human romantic relationships**. *Technology in Society*, in press, 2017a.
- \_\_\_\_\_. **Addicted to love: What is love addiction and when should it be treated?** *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, Vol. 24, No. 1, 77-92, 2017b.

<sup>6</sup> Este artigo é parte da pesquisa de doutorado da autora, que ainda está em andamento.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.**

Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

FREIRE FILHO, JOÃO. **Fazendo pessoas felizes: o poder moral dos relatos midiáticos.** Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Sociabilidade, do XIX Encontro da Compós, na PUC-RJ, em junho de 2010.

\_\_\_\_\_. **O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima.**

In: Famecos, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982/1983).** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos V : Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.

PEREIRA, Cilene. **O amor pode ter cura .** Revista Istoé. Disponível em:

[http://www.istoe.com.br/reportagens/356120\\_O+AMOR+PODE+TER+CURA](http://www.istoe.com.br/reportagens/356120_O+AMOR+PODE+TER+CURA) . Acesso: 15 abr.2015.

PLATÃO. **Diálogos I: Mênon, Banquete, Fedro.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RABINOW, P. e Rose, N. **O conceito de biopoder hoje .** Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais no. 24, Abril de 2006.

SAFATLE, Vladimir. **Uma certa latitude: Georges Canguilhem, biopolítica e vida como errância.** Scientiae Studia, 13.2, 2015.

SOPHIA, Eglacy et al. **Pathological love: is it a new psychiatric disorder?** (Versão online). Revista Brasileira de Psiquiatria (São Paulo), v. n., p. ahead-0, 2006.

SOPHIA, Eglacy Cristina. **Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliar o amor patológico. Tese (Doutorado em Psiquiatria)** - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Orientador: Monica Levit Zilberman, 2014.

TAVARES, Francine. **Adoecer de amor hoje: mídia, gênero e estereótipo emocional.** In XV Congresso IBERCOM 2017 : comunicação, diversidade e tolerância [recurso eletrônico] / organização Maria Immacolata Vassallo de Lopes ... [et al.] – São Paulo: ECA-USP ; Lisboa: FCH-UCP, 2018.

VAZ, Paulo. **Do normal ao consumidor: conceito de doença e medicamento na contemporaneidade.** Ágora ( PPGTP/UFRJ), v. 18, p. 51-68, 2015.